"O FLORESTA ESTÁ EM FESTA": AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE UM CLUBE NEGRO NA IMPRENSA (JORNAL IBIÁ, MONTENEGRO, RIO GRANDE DO SUL)

Bruna Borges da Silva [1]
Daniel Luciano Gevehr [2]
Magna Lima Magalhães [3]

RESUMO

A pesquisa analisa as comemorações realizadas pela Associação Beneficente Cultural Floresta Montenegrina, fundado em 28 de setembro de 1916, em Montenegro (RS). Investiga-se o conjunto de atividades realizadas pela associação no decênio que antecede seu centenário, comemorado em 2016, através de um dos principais registros históricos, que é o Jornal Ibiá. Considerando a imprensa local como uma importante fonte documental, se discute a presença negra no município de Montenegro e sua relação com o Clube Floresta Montenegrina, com ênfase nos festejos realizados pela associação no período compreendido entre 2006 e 2016. Para tanto, a pesquisa se vale das edições publicadas pela

[1] Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT) https://orcid.org/0009-0002-0477-1788

[2] ROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL - PPGDR / Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT) https://orcid.org/0000-0003-1815-4457

[3] https://orcid.org/0000-0001-9661-4178 Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais / Universidade Feevale (FEEVALE)

imprensa no período selecionado, buscando nas suas publicações, os registros das atividades que marcaram as comemorações da associação e de que forma a imprensa contribuiu para a construção e difusão da memória de um clube social, cuja identidade está diretamente associada à população afrodescendente do município de Montenegro. Através da análise desenvolvida, se percebe que o periódico dá visibilidade e reconhecimento ao Clube através de suas publicações, o que contribui para o registro da memória do clube e da comunidade negra.

PALAVRAS CHAVES
Comemorações; Clubes negros; Clube Floresta Montenegrina; Jornal Ibiá.

ABSTRACT

The research analyzes the celebrations held by the Associação Beneficente Cultural Floresta Montenegrina, founded on September 28, 1916, in Montenegro (RS). The set of activities carried out by the association in the decade preceding its centenary, celebrated in 2016, is investigated through one of the main historical records, which is the Jornal Ibiá. Considering the local press as an important documentary source, the black presence in the municipality of Montenegro and its relationship with the Clube Floresta Montenegrina is discussed, with emphasis on the celebrations held by the association in the period between 2006 and 2016. To this end, the research uses the editions published by the press in the selected period, searching in their publications for records of the activities that marked the association's celebrations and how the press contributed to the construction and dissemination of the memory of a social club, whose identity is directly associated with the Afro-descendant population of the municipality of Montenegro. Through the analysis developed, it is clear that the periodical gives visibility and recognition to the Club through its publications, which contributes to the recording of the memory of the club and the black community.

KEYWORDS
Celebrations; Black clubs; Montenegrina Forest Club; Ibiá Newspaper.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema central as comemorações de aniversário da Associação Beneficente Cultural Floresta Montenegrina - conhecida em sua própria comunidade como *Clube Floresta Montenegrina* - e localizada no município de Montenegro, Rio Grande do Sul. É de conhecimento que as temáticas étnico-raciais ganham cada vez mais espaço nos estudos acadêmicos, porém ainda há uma carência muito grande no que tange aos movimentos sociais negros no pós-abolição. O presente estudo delimita a sua abordagem entre 2006 - ano em que o clube celebrou 90 anos do clube - até o seu centenário - em 2016 - tendo como fonte de análise dessa trajetória de comemorações, o Jornal Ibiá.

Para melhor compreender a sua trajetória, estrutura, características e dinâmica de funcionamento, se teve acesso as fontes impressas, através dos Jornais Ibiá e Progresso, ambos de Montenegro, bem como o contato uma importante etapa da pesquisa, que foi a ida a campo, para se conhecer o clube e seus associados, com os quais foi possível desvendar muitas das memórias que contam sobre personagens e episódios que permitem reconstruir parte da história do clube negro de Montenegro.

No que se refere à produção historiográfica sobre a região e sobre os clubes sociais negros, a pesquisa se valeu, num primeiro momento do trabalho publicado por Ana Gabriela Kranz Ernzen, intitulado "Os negros não tinham aonde ir: sociabilidade e resistência - o Clube negro sociedade Floresta Montenegrina (1916)". Esse trabalho serviu de ponto de partida para se compreender as origens do clube, uma vez que Ernzen aborda a história do clube, bem como algumas atividades que o clube desenvolveu ao longo de diferentes épocas e contextos.

Essa investigação, por sua vez, tem como objetivo analisar como o Jornal Ibiá apresenta o Clube Floresta Montenegrina no contexto das comemorações que antecedem o centenário de fundação do clube. Com isso, se estabeleceu como recorte temporal o período compreendido entre 2006 a 2016, no qual se observa uma quantidade significativa de publicações, por parte da imprensa local, que acabam difundindo uma série de informações acerca da entidade no meio social local.

Para tal, o estudo se utiliza da imprensa como fonte, uma vez que as mesmas são "fontes de informação histórica" (Elmir, 1995, p.20), as quais nos auxiliam na "compreensão da paisagem urbana e das representações e idealizações sociais"

(Luca, 2014, p. 123). Neste sentido o uso de fontes impressas possibilita identificar as representações feitas nas páginas do jornal em relação às comemorações do clube, permitindo fazer perguntas que poderão ser respondidas através das análises das notícias/reportagens veiculadas no Jornal Ibiá.

A escolha do Jornal Ibiá deve-se ao fato de que em suas edições se encontram diversas publicações que abordam diferentes aspectos do clube negro da cidade e que dessa forma permitem aprofundar a análise de como a imprensa representou o clube e como ela desempenhou um papel preponderante na difusão de imagens e representações sobre o clube negro da cidade no imaginário social. Esse aspecto ganha relevo na medida em que, segundo o próprio órgão de imprensa local se propõe como um veículo de "[...] jornalismo plural, que desse espaço a todos os segmentos da sociedade, sem distinção entre raça, credo ou condição socioeconômica. A proposta é dar voz a todos, moradores do Centro, dos bairros, do interior, de jovens a idosos" [4].

Antes de tudo, é preciso destacar o fato de que existe uma carência de trabalhos sobre a temática negra na região do Vale do Caí - na qual se localiza o município de Montenegro -, sendo assim o trabalho consiste em discutir como o clube Floresta Montenegrina é representado e apresentado ao leitor, durante as suas festividades de comemoração de aniversário, através do Jornal Ibiá. A escolha pelos aniversários (de 90 até 100 anos) se deu em razão das comemorações serem fenômenos das sociedades contemporâneas, em que datas históricas ganham grande importância, onde datas de aniversários ganham maior ênfase (NORA, 1993). Nesse sentido, a análise das datas comemorativas do Clube, se dá em razão de perceber como ele é representado durante a passagem do seu aniversario pelo periódico, uma vez que o clube faz parte do cotidiano - e do calendário de festas e comemorações - do munícipio, desde 1916.

As edições analisadas para a realização desta pesquisa foram veiculadas nos meses de setembro e outubro, de 2006 a 2016, pois o clube foi fundado no mês de setembro, porém as comemorações aconteceram no mês de outubro, sendo assim ambos os meses foram analisados. Os jornais fazem parte do Acervo do Jornal Ibiá e do Acervo da Biblioteca Pública Municipal Hélio Alves de Oliveira. Vale ressaltar que ao utilizar os meios impressos como fonte de pesquisa, se deve

4 JORNAL IBIÁ (Montenegro). **Nossa História**. Montenegro: Jornal Ibiá, 2019. Disponível em: https://jornalibia.com.br/sobre-o-jornal-ibia/#1484745644429-f7a75231-06cc. Acesso em: 31 maio 2025.

fazer uma leitura atenta das matérias, pois de acordo com Elmir (1996, p.22) não se pode esquecer "a defasagem que existe entre a formulação do discurso inscrito no período em relação a nossa experiência de leitura:, bem como se deve atentar para o fato de que "um pesquisador não pode "passar os olhos" sobre o jornal se não como primeiro passo para detectar dentro do universo dos seus interesses onde está o texto que merece a sua leitura".

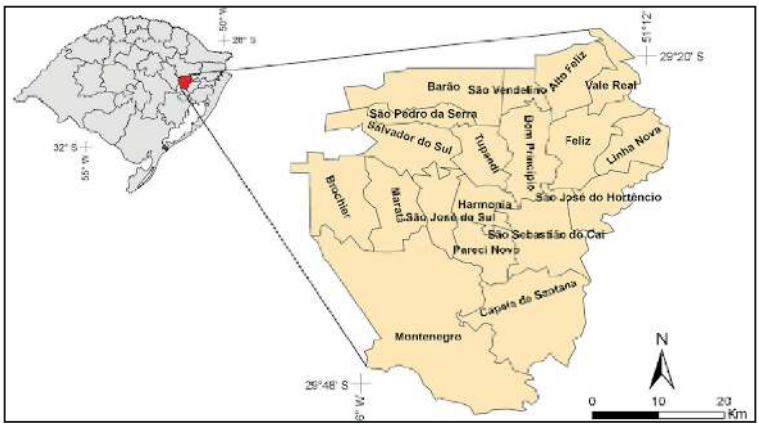
Para analisar estas comemorações se lança mão da teoria proposta por Nora (1993), que nos diz que as comemorações são gestos que definem os "lugares de memória", ou seja, relaciona os conceitos entre história e memória, levando a pensar sobre os sentidos das comemorações - que neste caso - *são os aniversários de um clube negro*. Para analisar as reportagens do jornal será empregado o conceito de representação, a partir das perspectivas de Chartier (2002) e Pesavento (2005). Já no que diz respeito a relação entre imprensa e etnia, se consideraram as análises propostas por Weber (2008), que aproxima esses dois conceitos fundamentais para esse estudo.

O artigo está estruturado em quatro seções, sendo a primeiro é destinada à apresentação da pesquisa, metodologia e embasamento teórico. Na segunda seção se busca reconstruir um histórico do município de Montenegro, bem como apresentar a trajetória negra no Vale do Caí, enfatizando o associativismo negro na região através da formação do Clube Floresta Montenegrina. Na terceira seção se debruça sobre as publicações do jornal Ibiá, com o propósito de caracterizar o contexto das comemorações de aniversário do clube. Na última seção se analisam, de forma mais aprofundada, as representações construídas e difundidas sobre as comemorações do clube, pelo Jornal Ibiá.

MONTENEGRO E O CLUBE FLORESTA MONTENEGRINA

Montenegro está localizado no Vale do Rio Caí (RS), região metropolitana de Porto Alegre (RMPA). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a região onde está situado o munícipio de Montenegro, foi uma das primeiras a serem colonizadas por portugueses e espanhóis, por conta do território estar próximo ao Rio Caí. Segundo Klaustman (1982) o rio foi um importante caminho para os comerciantes espanhóis que subiam, o rio da Prata e, para os portugueses, que vinham da Laguna dos Patos pelo rio Jacuí, ainda no contexto de disputas territoriais do período colonial.

De acordo com Rosa (1979), a região onde atualmente é o munícipio de Montenegro começou a ser povoada com a criação de um loteamento por Tristão José Fagundes, então proprietário da localidade, onde ele traçou ruas no sentido longitudinal e transversal, criando terrenos e quadras demarcadas. A partir da criação do loteamento a região começou a se desenvolver, pois povoadores iniciaram a construção de casas para se estabelecerem próximo ao rio.



Fonte: http://historiasvalecai.blogspot.com/2011/07/1210-mapa-do-vale-do-cai.htm. Acesso em 10 abr. 2025.

A formação de Montenegro, está relacionada com o processo de colonização dos Campos de Viamão, que segundo Kuhn (2002), foi uma das primeiras a estabelecer povoamento, pois foram os primeiros a receber sesmarias e através delas, muitas famílias vieram para a região, a fim de buscar estabelecimento. Com o desenvolvimento populacional, foi criada a freguesia de Viamão, em 1747, que posteriormente deu origem a outras freguesias, como a de Triunfo, em 1756, freguesia está que Montenegro fazia parte.

O rio Caí, por sua vez, foi um dos principais elementos de desenvolvimento regional e econômico de Montenegro, principalmente depois da construção do Cais, em 1904, sendo que o transporte fluvial era o mais utilizado na região, ocasionando uma maior movimentação em terras montenegrinas, acarretando um crescimento comercial, beneficiando a economia regional. Outro fator determinante para o desenvolvimento regional foi a construção das vias férreas em 1909, que possibilitou a ligação da Vila com outras regiões como Porto Alegre e Caxias

do Sul (Ernzen, 2007). Conforme a autora, a construção do Cais e da Ferrovia foram responsáveis pelo desenvolvimento do município, provocando aumento populacional e econômico, na medida em que o número de comerciantes e indústrias se estabeleceram em São João do Montenegro.

Segundo Oliveira (2003) desde o início do povoamento da região, o então munícipio mudou de nome diversas vezes, por meios de decretos e leis, incialmente a região se chamava Faxinal de São João, depois passo do Tristão (1885), Porto das Laranjeiras (1867), até que se elevou a categoria de freguesia pela Lei n. 630 de 18 de outubro de 1867 passou a chamar-se São João do Monte Negro. Em 1873, Montenegro se eleva a categoria de Vila, e a partir daquele momento foi desmembrada de Triunfo, município do qual fazia parte como 2º distrito. "[...]Tornando-se independente no dia 05 de março de 1873, sob a lei provincial número 855, sendo assim criou-se na cidade a Câmara de Vereadores elegendo sete representantes" (Enciclopédia..., 1959 p. 353). No ano de 1913, através do decreto Estadual n. 2.026, o território passa a se designar cidade de São João do Montenegro e por fim, em 31 de março de 1938, sob o decreto Estadual n. 7.199 o Município passa a se chamar Montenegro. (Oliveira, 2003).

Montenegro tem sua história vinculada ao processo de imigração europeia, principalmente a alemã e a italiana, já que na primeira fase de imigração para o Brasil, muitos alemães, se concentraram nas áreas de São Leopoldo, região que incluía as regiões de Montenegro e Taquara (Kuhn, 2002). De acordo com Ernzen (2007) o processo de colonização das terras sulinas, tinham como principal mão de obra, o trabalho escravizado.

Neste contexto de ocupação das terras do extremo sul do Brasil, a trajetória dos negros na região do Vale do Caí é semelhante com a de muitas outras localidades do Rio Grande do Sul, ou seja, a partir de meados dos setecentos, a escravidão tornou-se predominantemente africana, e nos Campos de Viamão (região da qual Montenegro fazia parte), em 1751, mais de 42% da população era composta por escravizados de origem africana (Kuhn, 2002). A principal mão de obra das fazendas das regiões recém colonizadas era de origem escravizada, ou seja, a escravidão africana teve grande importância na economia e na sociedade sul-rio-grandense (Kuhn, 2002).

Não se pode desconsiderar os conflitos existentes entre essas duas realidades, no que se refere a interação social dos senhores e dos negros, como é o caso da relação que se estabelecia nos espaços de sociabilidade, como os clubes sociais. De acordo com Neto (1924), o município de Montenegro contou com inúmeras

associações desde 1880, com a fundação do *Riograndense,* fundado em 1881, que tinha como objetivo conservar as tradições germânicas". Já *Vittorio Emmanuele III,* fundada em 1901, tinha como fim o mútuo socorro de seus sócios, e tinham língua oficial da sociedade a italiana. O *Clube União Operária,* fundado em 1906, tinha como principal objetivo reunir os operários de Montenegro. Ao abordar os clubes sociais de Montenegro, Ernzen (2007) afirma que estes clubes foram criados principalmente para preservação da cultura alemã e italiana no município ou para a socialização deles. Já os negros eram impedidos de entrarem nos clubes, criados para a sociabilidade da população branca e de origem europeia.

Conforme Muller (2010, p.266), para solucionar estes conflitos, a estratégia utilizada - ainda no período colonial - pela Metrópole foi o uso da religião, como meio de integração do negro na sociedade, através da criação de irmandades religiosas, sendo estes espaços de sociabilidade e "[...] os primeiros sinais de um processo de construção positiva da imagem do negro." Após a abolição da escravidão negra em 1888, estes espaços de sociabilidade, foram alterando as suas funções e substituindo o cunho religioso pelo civil, e assim foram surgindo associações beneficentes, culturais, recreativas, ou seja, inúmeras outras possibilidades de organização negra (Silva, 2011).

Em meio à impossibilidade de entrarem em outros clubes da região e fazerem parte de atividades voltadas ao convívio social, os negros da localidade buscaram no associativismo uma forma de socialização, fundando assim no início do século XX, um clube para negros em Montenegro, surgindo assim, o *Clube Floresta Montenegrina.*

O CLUBE FLORESTA MONTENEGRINA

Cabe aqui reconstruir o histórico do Clube Floresta Montenegrina, que de acordo com o seu Estatuto, foi fundado em 28 de setembro de 1916, com a "intenção de perpetuidade", tendo o clube, como finalidade desde sua criação, promover a interação social de seus associados, através de festas, de comemorações de datas nacionais, conferências literárias, bailes, atividades sociais, culturais e esportivas. De acordo com Ernzen (2007), há uma escassez de fontes que reme-

tam aos primeiros anos de fundação do clube, uma vez que o clube não possui documentos ou registros que possam remeter diretamente a sua fundação.

Segundo o seu Estatuto, o Clube foi fundado na Rua Ramiro Barcelos, com sede própria. Ernzen (2007) afirma que o clube possuía um prédio grande e construído de madeira, no centro da cidade. Porém necessitava de inúmeras reformas, e para arrecadar fundos para a realização das obras de melhoria, o clube realizava promoções como venda de almoços, de festas. No decorrer dos anos, de acordo com a autora, a população local reclamava do barulho das festas realizadas no local, além da falta de estrutura para servir almoços nas festividades, sendo que o prédio também não possuía banheiro. Sendo assim, a entidade se viu obrigada a sair do centro do município, na década de 1950 (Ernzen, 2007). A atual sede do Clube se encontra na Rua Flores da Cunha, no bairro Rui Barbosa.

Segundo Ernzen (2007), para a construção de um novo prédio os materiais do antigo prédio foram utilizados para dar início as obras. A partir do espaço de uma nova sede, os associados se empenharam na realização de reformas, e novamente se utilizaram de diversas atividades para arrecadar fundos. Em 1996, o jornal Ibiá - fonte de pesquisa fundamental para esse estudo - publica uma reportagem sobre o desabamento que aconteceu na sede do clube no dia 27 de agosto, durante a realização das reformas do prédio. Na ocasião o telhado do prédio acabou caindo e destruindo a estrutura da sede.

A imprensa, na edição de 24 de julho de 2004 do jornal Ibiá, afirma que a construção do clube foi realizada em três etapas. A primeira foi a parte de estrutura em concreto, a segunda foi cobrir a estrutura com o telhado e, por fim, as paredes de tijolos. As obras iniciaram em 1996 e finalizaram em 2004. Tal empreendimento foi realizado com a ajuda da comunidade, com a realização de atividades dos associados e da parceria com empresas da região. Durante a execução da pesquisa, em visita ao clube, foi possível perceber que a sede da entidade é estruturada e boa parte dela está finalizada.

Na edição do jornal Ibiá, do dia 25 de abril de 2005, o jornal dá destaque à Otília Fernandes, como uma mulher que exerceu um papel fundamental como presidente do clube, por 25 anos, liderando um clube em momentos em que somente homens eram encarregados de cargos de liderança, sendo ela a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente em uma associação, sendo ela uma das responsáveis pela fundação do clube.

Ainda de acordo com Ernzen (2007) o clube Floresta Montenegrina surgiu da união da população negra de Montenegro, que buscava no associativismo

uma maneira de interação social com os "irmãos de cor", afim de se fortalecerem e adquirirem respeito perante a sociedade. O Estatuto do Clube, define que os associados devem manter a "moral e respeito", para um bom desenvolvimento do clube e a harmonia prevaleça entre os sócios na sede da entidade. Nesse sentido, de acordo com Ernzen (2007), os associados prezavam "pela moral e os bons costumes", mantendo sempre "a ordem e disciplina" na entidade.

Dentre as festividades desenvolvidas pelo clube, por muito tempo, o carnaval era o momento mais esperado pelos membros do clube, pois os "[...] blocos carnavalescos saiam desfilar pelas ruas de Montenegro e quando voltavam, se reuniam na sede do clube para darem continuidade a festa" (Ernzen, 2007, p.32). Já, dentre outras ações realizadas pelos integrantes do clube, podemos destacar as relacionadas ao processo de reconstrução do prédio do clube, que de acordo com a reportagem de 26 de abril de 2002 do Jornal Ibiá, o clube realizou diversas promoções, como a venda de sopa de ervilha, diversas reuniões dançantes, jantares, almoços com o intuito levantar fundos para manter e reformar o clube.

Um acontecimento importante na trajetória da instituição se deu em 2007, através de uma Assembleia Geral Extraordinária, na qual os componentes do clube modificaram o nome civil da entidade, passando a se designar *Associação Cultural Beneficente Sociedade Floresta Montenegrina,* reafirmando sua finalidade de promover a interação social, de cunho recreativo, social, esportivo, buscando também a realização de projetos sociais que beneficiem crianças, bem como o fomento de atividades relacionadas a *Semana da Consciência Negra.*

COMEMORAÇÕES E FESTIVIDADES DO CLUBE FLORESTA

Nesta etapa da pesquisa, nos propomos a identificar as festividades que envolvem as comemorações de aniversário do Clube Floresta Montenegrina e que foram veiculadas no Jornal Ibiá, desde as comemorações de 90 anos, em 2006, se estendendo até o seu centenário em 2016. A pesquisa considera que trabalhar com o jornal como fonte de pesquisa é fundamental, uma vez que, "[...] os jornais constituem-se em verdadeiros 'arquivos do cotidiano', nos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos." (Espig, 1998, p.274).

O jornal Ibiá foi fundado em 16 de março de 1983, sob a direção de Mara Rubia Flores e Maria Luiza Szulczewski" (Oliveira, 2003, p.4). De acordo com o

histórico do jornal, as duas mulheres fundadoras do clube eram alunas de comunicação social na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e em 1983 decidiram fundar um jornal no município de Montenegro. No início eram somente as duas que cuidavam de todas as tarefas da produção do jornal, bem como venda de anúncios, reportagens, assinaturas e entregas. Somente a impressão do jornal é que foi terceirizada[5].

O nome Ibiá vem do tupi-guarani, e significa "caminho difícil", "caminho entre pedras" e foi o primeiro nome dado à região onde se localiza o município de Montenegro, pois ele já era um nome familiar para os moradores do município. Devido as dificuldades financeiras, o jornal era editado somente duas vezes por mês, passando a ser quinzenal a partir de janeiro de 1984. Somente em julho de 1985, com a contratação de uma funcionária para a área de vendas, o jornal conseguiu voltar a circular na cidade, uma vez por semana. Em maio de 1990, o jornal começou a ser comercializado bissemanalmente.

A década de 1990 foi significativa para o jornal, já que neste período foi adquirido um prédio próprio (1995), e logo em seguida os equipamentos para realizar a impressão do jornal nas dependências da empresa (1996), sem a necessidade de terceirização. Em 1998 o jornal começa a circular em mais três cidades: Brochier, Marata e Pareci Novo, cidades que ficam próximas a Montenegro. Por fim "[...] com o tempo, funcionários foram contratados e as máquinas de escrever deram espaço aos computadores. Financiamentos possibilitaram a compra de impressoras próprias, assim como a construção da sede" (Jornal Ibiá, 16 de março de 2018)

Nosso objetivo, ao utilizar o jornal como fonte, é identificar como ocorreram as comemorações do Clube Floresta Montenegrina e como elas foram noticiadas através do Jornal Ibiá. No primeiro momento adotamos como método de pesquisa a busca por informações em todo o mês de setembro, uma vez que a formação do clube foi em 28 de setembro de 1916. Partimos então do pressuposto de que se as comemorações noticiadas, estariam no mês de setembro, porém não obtivemos nenhuma informação no período selecionado.

A estratégia então foi pesquisar no mês de outubro e assim constatamos que as comemorações do clube aconteciam, efetivamente, no mês de outubro. Não encontramos informações no periódico que nos desse pistas do porquê as

[5] JORNAL IBIÁ (Montenegro). **Nossa História**. Montenegro: Jornal Ibiá, 2019. Disponível em: https://jornalibia.com.br/sobre-o-jornal-ibia/#1484745644429-f7a75231-06cc. Acesso em: 31 maio 2025.

comemorações de aniversário do clube aconteciam em outubro. Nossa pesquisa se deteve a analisar todas as edições dos meses de setembro e outubro, de 2006 a 2016. A fim de encontrarmos informações sobre as comemorações, para a realização da pesquisa, contamos com o acervo do Jornal Ibiá, bem como com o acervo de periódicos da Biblioteca Pública de Montenegro.

Na busca pelas publicações sobre as comemorações do clube, encontramos 13 reportagens. Em 2006, nas comemorações de 90 anos do clube, localizamos duas reportagens que tematizam os festejos de 90 anos do clube e que divulgaram a programação das festividades, dentre as quais uma missa de Ação de Graças e a apresentação do Coral Cecune - um grupo de afrodescendentes interessados em desenvolver conteúdos e formas de expressão musical (canto coral e acompanhamento instrumental) priorizando elementos das matrizes culturais africanas e suas recriações.

As festividades contaram também com um almoço oferecido na sede do clube, sendo servido churrasco e galeto, saladas e sobremesas. Vale ressaltar que a comida servida pelo clube é tipicamente gaúcha, e não africana. Na reportagem constam números e e-mail para contato para aqueles que desejassem almoçar no clube, demostrando uma organização do clube para a realização da festa.

O jornal informa que as festividades se encerraram com uma tarde na qual ocorreram diversas atividades musicais, como bandas de pagode e hip hop, ritmos cujas origens estão ligadas aos povos negros. O pagode tem suas origens no samba, pois nos "processos de nacionalização de imaginários e mercados de samba em torno dos anos 70, alguns sambistas assumem certo protagonismo no repertório musical sambista e "inventam" um novo estilo de samba, que eventualmente era nomeado de 'pagode'" (Trotta, 2015, p. 104), e este estava diretamente ligado aos subúrbios do Rio de Janeiro; já o Hip Hop, "desde sua origem, tem sido associado a uma arte voltada para segmentos excluídos do espaço urbano, como jovens imigrantes e negros" (Tavares, 2010, p.310).

Já em 2007, o jornal enfatiza a fachada nova do clube, e informa sobre a fundação dele, em 26 de setembro de 1916, ainda que a data esteja incorreta, pois de acordo com outras edições do jornal, o clube teria surgido em 28 de setembro. Dentre as atividades de comemoração, o jornal menciona a realização de uma missa no clube, bem como a participação de outras entidades negras, ainda que não mencione quais, e de autoridades como o prefeito Percival de Oliveira. A participação de líderes municipais demonstra uma efetiva atuação do clube na cidade.

Na reportagem das comemorações de 91 anos do clube, o jornal faz menção ao lançamento de um projeto chamado "Infância na Floresta", que, em parceria com outras entidades, pretendia arrecadar brinquedos e oferecer oficinas culturais, artesanato e capoeira a crianças carentes. Este projeto se iniciou em novembro e foi até dezembro, com o intuito de oferecer um Natal aos jovens carentes. Além disso, o jornal aponta para a realização da 1º Semana Municipal da Consciência Negra, uma parceria entre o clube, a prefeitura de Montenegro e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

Na edição de 07 de outubro de 2008, o jornal traz em suas páginas a programação das festividades de 92 anos do clube, e nesta edição o jornal cita a data de fundação do clube no dia 28 de setembro de 1916. As atividades para a comemoração de mais um aniversário foram iniciadas com uma missa na sede do clube, e novamente contaram com a presença do Coral Cecune. Ao meio-dia foi servido almoço com churrasco, e à tarde ocorreram atrações artísticas com bandas de pagode. No decorrer da reportagem, o jornal apresenta ao leitor a 12ª edição da festa das crianças, uma festa organizada pelo Clube Floresta Montenegrina, para comemorar o dia das crianças, com distribuição de brinquedos, cachorro-quente e pipoca, entre outras guloseimas. O evento contou com a participação de palhaços e cerca de 200 crianças. Percebemos novamente a publicação de projetos destinados às crianças, ligados às festividades de aniversário do clube.

Nas comemorações de 93 anos, o jornal traz as festividades do clube, novamente após a realização do evento, na edição do dia 05 de outubro de 2009. Desta vez o clube comemorou seu aniversário com um jantar em um sábado à noite, ao contrário de todas as outras edições analisadas, que aconteceram no domingo durante dia. Nesta edição o jornal enfatiza as localidades dos clubes sociais negros que estiveram presentes nas comemorações dos 93 anos, sendo estes de Gravataí, Venâncio Aires, Canoas, Bento Gonçalves e Novo Hamburgo. Percebe-se que vários municípios da região estiveram presentes, demostrando uma integração entre os clubes negros.

No dia 06 de outubro de 2009, o jornal destaca alguns participantes da festa e enfatiza a homenagem que o clube prestou a algumas personalidades e a participação de sociedades negras de todo o Estado do Rio Grande do Sul. Também, em 2012, o jornal informa sobre a programação das festividades do clube, através da edição de 13 e 14 de outubro de 2012 (lembrando que o jornal publica para o final de semana uma única edição). Na comemoração de 96 anos o clube novamente realizou um jantar, seguido de diversas atrações. Neste ano o clube dividiu

as comemorações em dois momentos, um destinado ao jantar e o outro a festa, sendo que os ingressos foram vendidos de forma separada. Sócios com os pagamentos em dia tiveram algumas vantagens, como a entrada franca para a festa, o que poderia servir de incentivo aos sócios, e como incentivo para que outras pessoas se associassem ao clube.

As atividades do clube novamente aparecem relacionadas com a festa de comemoração ao dia das crianças, que já estava na sua 16ª edição. Na programação da festa o jornal anuncia a distribuição de guloseimas e muitas brincadeiras para as crianças. Juntamente com a comemoração do 96º aniversário, o Clube Floresta Montenegrina recebeu o 6º Encontro Festivo do Coletivo de Clubes Sociais Negros do Rio Grande do Sul. O jornal não apresenta mais informações sobre o que seria o coletivo, nem quais clubes se fizeram presentes. Contudo, ao pesquisar sobre os coletivos negros, percebemos que são clubes sociais negros do Estado, que tem o objetivo de promover outros clubes, a fim de se manterem presentes e atuantes na sociedade.

No dia 16 de outubro, o jornal destaca o aniversário de 96 anos do clube, e destina uma página inteira para a cobertura. O jornal apresenta algumas das pessoas que fizeram parte das comemorações do clube. Dentre os convidados, percebemos a presença do assessor da Diretoria de Diversidade Cultural do Estado, João Prudêncio, e de Sandro Paim, presidente da Associação Seis de Maio de Gravataí. Ao perceber a divulgação de participantes da festa constatamos o enfoque que o jornal deu a tal atividade do clube, uma vez que uma página inteira é dedicada a demostrar alguns participantes das comemorações. Outro momento em que o clube destaca os participantes é nas comemorações de 93 anos do clube, em que o jornal destina meia página do jornal, para apresentar alguns dos convidados presente no aniversário do clube.

No ano de 2012 - considerando que nossa análise se inicia no ano de 2006 - é a primeira vez que o jornal noticia o antes e o depois das comemorações do clube. Anteriormente o jornal costumava apresentar a programação do clube, ou então os acontecimentos das festividades de comemoração. Na edição de 04 de outubro de 2013, o jornal noticia as comemorações dos 97 anos do Clube Floresta, com o título "O Floresta está em festa", e que aconteceram no domingo, com um almoço e diversas atrações durante a tarde. Nesta edição o jornal conta que todos os ingressos foram vendidos, o que demonstra a grande procura pela festa. Dentre os participantes confirmados o jornal destaca a Associação das Entidades Carnavalescas de Porto Alegre e Clubes Sociais Negros de Canoas, Gravataí,

Porto Alegre e Novo Hamburgo, bem como a participação de representantes da Secretaria Estadual de Direitos Humanos, Secretaria Estadual de Cultura, associação de Funcionários Dos Correios de Porto Alegre e da Secretaria Estadual do trabalho, ou seja, um grande número de entidades confirmaram presença nas comemorações de aniversário do Clube, de acordo com o jornal.

Em 2016, na comemoração do centenário do clube, pela primeira vez encontramos reportagens relacionadas ao mês de setembro, como na edição do dia 24 e 25 de setembro. O jornal apresenta uma série de atividades e festividades, entre as quais destaca-se o chá comunitário organizado pelas artesãs do clube, que uma vez por semana se reúnem em prol das confecções de artesanato, como panos de pratos desenhados, bonecos e potes de guloseimas. Seguindo a programação das festividades, encontramos a notícia de uma missa de Ação de Graças e, para finalizar as festividades, um jantar-baile com diversas atrações artísticas, principalmente grupos de samba. O jornal relata que para o vice-presidente do clube, Luís Carlos de Oliveira, a participação dos cantores é fundamental, uma vez que "[...] muitos se tornaram amigos e parceiros que às vezes, sem nenhum pagamento de cache, não deixaram o samba morrer" (Jornal Ibiá, 24-25 de setembro de 2016).

Com a fala de Oliveira, percebemos a parceria que o clube tem com as bandas e a sua forte relação com o samba, pois as atividades sempre envolveram a música e contavam com a participação de bandas que carregam consigo as particularidades de cultura negra, como os grupos de Samba que "mesmo sendo um gênero resultante das estruturas musicais híbridas, foi como símbolo da cultura negra que o samba se tornou expressão musical em todo o Brasil" (Azevedo, 2018, p.49).

No dia 03 de outubro de 2016, na capa do caderno Ibiá Mais, identificamos a matéria "A África dentro da Catedral São João Batista". O título logo nos leva a perceber que a África mencionada pelo jorna está relacionada ao Clube Floresta Montenegrina, que se fez presente na principal catedral de Montenegro. O uso de imagens pelo jornal, chama a atenção do leitor, uma vez que ele traz na capa, uma imagem do Coral Cecune.

Ao ver as imagens na primeira página, constatamos que o jornal destaca a presença negra na Catedral, relacionando-os com o continente africano. De acordo com a imprensa, o Coral se posicionou no altar da Igreja, e a Capela estava repleta de pessoas, demostrando a participação da comunidade na missa. Em todas as comemorações de aniversário do clube, este momento ecumênico

acontece, e em diversas ocasiões contou com a presença do Coral Cecune, que cantou o hino da África[6] dentro da catedral São João batista. O jornal destaca a fala do vice-presidente do clube, Luis Carlos de Oliveira, em relação ao fato de que a missa de Ação de Graças ocorreu na Catedral:

Luis conta que outras atividades ecumênicas já foram realizadas, mas, dentro da Catedral é a primeira vez, o que torna a realização ainda mais especial. Ele faz uso da expressão africana "Ubuntu", que faz menção a humanidade." Eu sou porque tu é. Isso é Ubuntu. Estar aqui hoje é muito importante. É quebrar estereótipos, é valorizar a história do negro. E também nos relacionarmos com todos, porque deve ser um festejo junto de toda a comunidade (Jornal Ibiá, 03 de outubro de 2016).

Luís Carlos enfatiza o quão importante foi, para a história do clube, realizar a missa na Catedral São Joao Batista, sendo este um momento de celebrar seu centenário, juntamente com a comunidade. A reportagem continua com a programação do jantar-baile, que contou com diversas atrações, como a entrega da comenda da associação, nas categorias associados e baluartes, *honoris causa*, expressão cultural e menção honrosa, sendo estas certificações concedidas a pessoas que se destacaram em suas atuações. Nessa mesma publicação, o jornal destaca a realização da 20ª edição da festa em comemoração ao dia das crianças, sendo esta uma parceria entre o clube e a Pastoral da Criança de Montenegro, que promovem um dia dedicado a crianças em situação de vulnerabilidade social.

Cabe destacar que na edição do final de semana dos dias 08 e 09 de outubro de 2016, o jornal noticiou sobre a trajetória negra no Vale do Caí e o surgimento do Clube Floresta Montenegrina. Também em relação às festividades do clube, o jornal menciona que a última atividade aconteceu no dia 08 de outubro, com um jantar na sede do clube e que contará com diversas atrações.

Através do *blog* do Clube Floresta Montenegrina, conseguimos localizar algumas festividades e, entre elas, encontramos os festejos de comemoração de 95 anos do clube, em 2011. Também encontramos no blog do Clube Floresta Montenegrina, informações sobre as comemorações de 98 anos do clube em 2014,

[6] Sobre o Hino da África não se tem maiores informações, uma vez que, quando questionados sobre qual seria o hino que era cantado nestas comemorações, os testemunhos afirmaram desconhecer o nome ou o significado da canção mencionada na imprensa.

mas não obtivemos muitos detalhes sobre a comemoração. Sendo assim, o único ano que não conseguimos obter nenhuma informação sobre as festividades foi o de 2010, quando o clube completou 94 anos.

Pela divulgação que o jornal presta ao clube, nas comemorações de aniversário, podemos perceber a atuação no clube na cidade, uma vez que em diversas edições, como vimos anteriormente, o jornal faz menção a diversos outros projetos realizados pelo clube durante o ano, estes muitas vezes realizados através de parcerias com o governo municipal, como a Prefeitura Municipal, a Secretaria de Educação e Cultura, com entidades estaduais, como o Banrisul e também com empresas privadas como o Supermercado Imec, Unimed, o Jornal Ibiá, entre outras. Estes projetos anunciados juntamente com as festividades do clube, na maioria das vezes, estão direcionados às crianças, em função das comemorações do clube se realizarem no mês de outubro, e com projetos em novembro, sendo este o mês da consciência negra no Brasil.

Chama a atenção, na edição dos dias 24 e 25 de outubro de 2016, na qual o jornal apresenta as festividades do clube, alusivas às comemorações dos cem anos, a seguinte frase: "No dia 08 de outubro, haverá o tradicional jantar-baile". O uso da palavra "tradicional" demonstra parte da compreensão do clube em relação ao significado das comemorações e de como isso está institucionalizado. Nessa perspectiva, de acordo com Weber (2008), os jornais publicam aquilo que o seu leitor reconhece, sendo que as práticas sociais, mais ou menos formalizadas, como é o caso do aniversário das associações, acabam ocupando um lugar de visibilidade nas publicações do periódico, uma vez que representam uma expressão de "identidade étnica". No caso do Clube Floresta montenegrina, representam práticas sociais do grupo étnico dos afrodescendentes, presentes no município de Montenegro.

Considerando que essa análise busca compreender o significado que está presente nos festejos que constituem as comemorações de aniversário do clube, percebemos que existem alguns ritos nestas comemorações, tais como os ritos ecumênicos, além de jantares e almoços, bem como a realização de atividades musicais e dançantes. Em alguns percebemos atividades como atos solenes que, de acordo com Weber (2008, p. 4), "são ações institucionalizadas de expressões que se tornam reconhecidas ao longo do tempo que veiculam significados simbólicos".

REPRESENTAÇÕES DAS COMEMORAÇÕES DO CLUBE NO JORNAL IBIÁ

Em um segundo momento, buscamos analisar as representações construídas e difundidas sobre o Clube Floresta Montenegrina no Jornal Ibiá, por ocasião da passagem de seus aniversários, no período compreendido entre 2006 e 2016. A análise da imprensa se vale das teorias da história cultural, que de acordo com Chartier (2002) tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.

Partimos da análise proposta por Regina Weber (2008), que defende que a partir da imprensa é possível identificar informações sobre o cotidiano e sobre as representações sociais. Contudo, estas fontes também possibilitam perceber como a mídia pode ser "usada" por grupos para dar visibilidade as suas ações. Neste sentido, a autora aponta algumas considerações sobre as "notinhas" de atividades sociais e culturais de grupos, dado que nos permitem perceber: "o grau de cristalização de determinadas identidades étnicas ou nacionais, expresso pela existência de clubes, entidades, festividades, sedes de associações, etc.; a possibilidade de fazer-se noticiar; as formas socialmente aceitáveis e mais generalizadas de expressões de grupos sociais" (Weber, 2008, p.4).

Já discutimos acerca das festividades que o Clube Floresta Montenegrina promoveu para celebrar os seus aniversários, destacando elementos que fazem parte das festividades do clube. Através dessa discussão foi possível compreender como a possibilidade de fazer noticiar, ou seja, de produzir registros de atividades do grupo étnico, demostra que o grupo - neste caso a comunidade afro-brasileira de Montenegro organizada no clube social - já ultrapassou a fase na qual lutou por sobrevivência no dia a dia, demonstrando que já atingiram uma projeção social (Weber, 2008, p.7).

Pesavento (2005), por sua vez, afirma que a representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, como um reflexo, e sim uma construção feita a partir dele. Neste sentido, procuramos identificar nas fontes impressas as representações construídas acerca do clube, durante a cobertura feita pelo jornal Ibiá, nas festividades de aniversário do clube. Já, segundo Chartier (1990), quando se pesquisa sobre os modos de produção de representação, deve-se levar em consideração os discursos, que são veiculados nos textos e, de como se operacionaliza

essa recepção se dá para os leitores, ou seja, cabe perceber o modo como os textos representam determinada questão.

Considerando esses elementos, o estudo leva em consideração o fato de que os jornais permitem identificar as representações, ou seja, o processo que envolve a percepção da realidade e que acaba construindo um imaginário social (Chartier, 1990) no qual as representações desempenham um papel fundamental, na medida em que aquilo que é veiculado - como é o caso da imprensa - acaba influenciando diretamente a opinião do leitor. A análise das representações publicadas sobre as comemorações do clube, pela imprensa montenegrina está organizada a partir de três categorias, identificadas através dos seguintes subtítulos: a) Uma história de luta; b) Um símbolo de resistência; c) Visibilidade cultural.

a) Uma História de Luta

Na edição de final de semana, dos dias 08 e 09 de outubro de 2016, quando o clube completou cem anos, o jornal destinou duas páginas para apresentar a história da presença do negro na região do Vale do Caí e da fundação do Clube Floresta Montenegrina. A reportagem inicia com um título, com a seguinte frase "Uma história de luta, resistência e cultura", chamando a atenção dos leitores para a história de luta, de resistência e da cultura de alguém que será revelado no decorrer da reportagem.

Sobre essa questão, cabe lembrar daquilo que Medina (2001, p.48) defende, quando afirma que "Os títulos falam por si mesmo, despertando o interesse do público para as matérias jornalísticas. Como sabemos, a maioria dos leitores se limita somente a leitura de títulos e são os títulos que vão motivar a lerem ou não as notícias contidas nos jornais. [...]". Ainda, de acordo com Medina (2001, p.48) "Os títulos de primeira página destacam as notícias que foram consideradas, pela empresa jornalística, como as mais importantes, como as mais ricas em emoções para os seus leitores."

Os títulos das matérias jornalísticas são uma das partes mais importantes, uma vez que os títulos são o primeiro critério de seleção do leitor para decidir se lerá a matéria ou seguirá para as próximas (Reino; Bueno, 2017, p. 3). De acordo com os autores, podemos perceber como é significativa a escolha de um título para a reportagem e como ele aponta a ideia de que o jornalista quer passar para seus leitores.

Levando esse aspecto em consideração, se percebe que o título principal da edição do Jornal Ibiá aponta para uma história de luta. De quem é essa luta? Por que dessa luta? Estas são algumas indagações que podem chamar a atenção do leitor para a reportagem. Logo após o título principal, vem o subtítulo com a frase, "Pouco conhecida, a história dos negros no vale do Caí começa muito antes de 1916, quando surge a Sociedade Floresta". Este subtítulo permite perceber que, para o jornal, a história dos negros não é conhecida, ou seja, não é uma perspectiva com a qual o leitor estaria familiarizado. Constatamos também que a trajetória negra na região, principalmente em Montenegro, está associada com a fundação do Clube Floresta Montenegrina, pois o subtítulo enfatiza que a história dos afrodescendentes se inicia antes de 1916 e também é anterior ao surgimento do Clube Floresta Montenegrina.

O jornal apresenta ao leitor uma breve reconstrução histórica da trajetória da população negra na região do Vale do Caí. O jornal informa que os primeiros negros chegaram na região por volta de 1650 e 1700, fugidos da escravidão e desembarcaram onde hoje é o Porto das Laranjeiras, no município de Montenegro. A edição destaca também que os negros foram responsáveis por boa parte do desenvolvimento da região. Com essas afirmações o jornal evidencia a participação do negro no processo de desenvolvimento regional e também visibiliza a sua trajetória na região.

Percebemos que o jornal menciona diversas vezes o jornalista e sociólogo Rogério dos Santos, como referencial, em razão dele ter desenvolvido um projeto que teve como finalidade reconstruir parte da história dos negros no Vale do Caí. O jornal destaca também, como fonte de pesquisa, um documentário produzido em 1996, por Roberto Santos, que procurou apresentar a história do Negro na região. O título do documentário é "O Negro no Vale do Caí". A reportagem veiculada na imprensa apresentou, ainda, alguns acontecimentos cotidianos do período escravocrata:

Nos anos de 1820, a família Teixeira tem registrado 117 escravos adultos e 30 crianças. Comerciante português estabelecido na região, José Ignácio Teixeira constrói uma capela em madeira para adoração dos escravos. O padroeiro seria São Benedito, santo que deu o nome a localidade, situada no interior do Município de Harmonia. O santo negro, no entanto, não permaneceu no local por muito tempo. "Ele foi retirado e, no lugar, colocaram um santo branco quando a região foi colonizada pelos alemães", relata Rogério Santos. Isso ocorreu porque os

germânicos, na época, não aceitavam um padroeiro negro, apesar da localidade manter o nome do santo dos escravos (Jornal Ibiá, 08 e 09 de outubro de 2016).

De acordo com a publicação é possível identificar o número da população negra que fazia parte da fazenda do comerciante José Ignácio Teixeira, que chegou a um total de 147 indivíduos, uma quantidade considerável para. uma única fazenda daquela época. Percebemos também a relação entre os escravizados e o comerciante Teixeira, que construiu em suas terras uma capela para a adoração religiosa de seus escravizados. Nesse momento é possível observar a relação entre os afro-brasileiros e os germânicos, pois ainda que a capela tivesse sido construída antes da chegada dos imigrantes alemães, estes acabaram por substituí-la, anos mais tarde, por um santo branco. De acordo com o jornal, a partir daí, Santo Antônio se tornou padroeiro da localidade.

Outro aspecto do período escravocrata, que o periódico menciona, é a existência de Quilombos na região. De acordo com o Jornal:

Em 1848 surge a figura do capitão do mato, encarregado de capturar os negros fugitivos. Escravos capturados em quilombos valiam ao capitão do mato, uma recompensa muito alta. "Dois negros fugitivos, já era considerado um Quilombo. Era o reconhecimento de que havia Quilombos no Rio Grande do Sul naquela época" registra o documentário sobre o negro no Vale do Caí (Jornal Ibiá, 08 e 09 de outubro de 2016).

Na narrativa sobre os Quilombos, o jornal apresenta um dos inúmeros sofrimentos enfrentados pela população negra no período escravocrata, pois descreve o modo como eram tratados os negros escravizados que fugiam das propriedades. Em um novo subtítulo "Um recomeço marcado pelas lutas" faz menção ao processo de abolição da escravidão, dando ênfase para a descrição de algumas lutas que os negros enfrentaram no período pós-abolição, apresentando a nova realidade vivenciada pelos negros a partir de 13 de maio de 1888:

Eram proibidos de entrar em Forças Armadas, de serem funcionários públicos, de votar e continuaram proibidos de estudar", diz o documentário. Ainda nesse período quando um negro morria, por exemplo, era carregado em uma padiola até o cemitério. O corpo não podia ser levado junto ao dos brancos. O atendimento médico era preferencialmente aos brancos" (Jornal Ibiá 08 e 09 de outubro de 2016).

A publicação acrescenta ainda, que com o crescimento das cidades, era necessária uma mão de obra, o que podia ser encontrada nos serviços braçais do negro. O jornal enfatiza que mesmo sendo uma das principais forças produtivas nas cidades da década de 1920, "[...] o negro ainda passou muitos anos tendo o acesso a clubes, festas e locais frequentados por brancos, negado" (Jornal Ibiá 08 e 09 de outubro de 2016). Na reportagem o jornal apresenta o surgimento da Frente Negra Brasileira, criada em 1930 como um marco para a história negra, uma vez que o movimento exigia melhora no tratamento aos negros no Brasil. De acordo com as pesquisas realizadas por Domingues (2008), a Frente Negra Brasileira mobilizou a população negra a lutar pelos seus direitos e, no caso de Montenegro, não foi diferente.

O jornal esclarece que em 1884 surgiu, em Montenegro, um clube abolicionista que, de acordo com o sociólogo Rogério Santos, "pode ter sido uma pequena sementinha do que viria a ser, futuramente, a Sociedade Floresta Montenegrina" (Jornal Ibiá, 08 e 09 de outubro de 2016). De acordo com o sociólogo, a origem do clube Floresta Montenegrina pode estar associada à existência do clube abolicionista na cidade.

Cabe observar que no que diz respeito a origem do clube, as matérias veiculadas no jornal, em diferentes anos, apresentam diferentes versões, como é o caso da edição do jornal do dia 09 de outubro de 2007, na qual se noticia que durante as comemorações de 91 anos do clube, que a entidade teria surgido em decorrência da forte inspiração do clube Floresta Aurora, de Porto Alegre e, também, como uma reposta à segregação racial vivida pelos negros na cidade. Já ao abordar a história do clube na edição de 2016 - no contexto das comemorações do seu centenário - o jornal se vale das memórias de duas mulheres que faziam parte da associação, relacionando a memória delas com a história do clube.

Consideramos oportuno incluir no debate, a análise proposta por Nora (1993), que ao pesquisar sobre as comemorações francesas, constatou que a memória e a história não são sinônimas. O autor traz a memória como exemplo da vida, protagonizada pelas pessoas, em grupo, e está em evolução permanente, pois está sempre em constantes revitalizações, a mercê das lembranças e dos esquecimentos, enquanto a história é uma reconstrução problemática e incompleta do passado. Ou seja, "[...] a memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação vivida no eterno presente, ao passo que a história é uma representação do passado (Nora, 1993, p.9).

De acordo com o autor as comemorações se tornaram um fenômeno das sociedades contemporâneas, que substituíram as festividades cristãs pelos fatos históricos, criando instrumentos de comemoração, de acordo com as necessidades de cada contexto histórico. Estas comemorações, de acordo com Nora (1993), são os gestos que demarcam os "lugares de memória", e são nestes lugares que as memórias e as histórias se relacionam.

Ainda de acordo com Nora (1993), as comemorações englobam três dimensões, que procuraremos relacionar com o caso do Clube Floresta Montenegrina, sendo uma dimensão a material, que é algo concreto, que se encaixa com a sede do Clube Floresta Montenegrina, que foi e é um espaço construído com a ajuda de todos os sócios, destinado à socialização. A segunda dimensão apontada pelo autor - a simbólica - é representada pela importância do clube para os seus participantes, presente nos depoimentos presentes nas reportagens do jornal, como a de Anna, que afirma: "Eu nasci aqui e vou morrer dentro da sociedade". Segundo o jornal, o clube, para Maria Valderez, é como a sua segunda casa. As falas das duas mulheres nos demostram o quão significativo é o clube para ambas, ou seja, o clube é investido de uma aura simbólica em torno da identificação étnica dos membros com o clube. Já a terceira dimensão é a funcional, que de acordo com Nora (1993), é algo muito funcional, como um livro, um testamento, que precisa passar por algum tipo de ritual para vir a ser um lugar de memória.

Consideramos o Clube Floresta Montenegrina como um lugar de memória dos seus sócios, sendo estas individuais e coletivas. De acordo com Halbwachs (2006) existem dois tipos de memória: a individual, aquela vivenciada por cada indivíduo, a pessoal; e a memória coletiva, aquela ligada ao mundo em que vivemos, à memória histórica ou social. A primeira receberia a ajuda da segunda, já que afinal de contas a história de nossas vidas faz parte da história geral (Halbwachs, 2006, p.73). Essa relação entre as memórias individuais - como é o caso mencionado anteriormente, de Anna e Maria - mostra uma parcela da participação de ambas no clube, e estes relatos nos remetem a um fragmento da história do clube.

Nesse contexto, o jornal busca trazer à tona as memórias de Anna Erenita Gonçalves, sócia do clube há 70 anos, e Maria Valderez Gonçalves, que em 2016 era a presidente do clube. Em relação a sua participação no clube, Anna recorda que "Eu me criei vendo os movimentos aqui, ajudando. Muitas coisas eu aprendi aqui, muitas festas, muito baile, carnaval, saíamos na rua desfilar" (Jornal Ibiá, 08 e 09 de outubro de 2016 p.7). As memórias registradas nas publicações da

imprensa nos permitem compreender, por meio dos relatos impressos, a contribuição dos indivíduos para o desenvolvimento do clube, bem como o clube auxiliou no desenvolvimento pessoal dos indivíduos, pois como Anna aponta, dentro do espaço do clube ela "aprendeu muita coisa". Ela não menciona o que de fato aprendeu, mas o fato de recordar que no ambiente do clube ela obteve aprendizado, já torna extremamente significativa a sua atuação no clube, onde ela relata que se "criou".

Em outro trecho, Anna conta que "A sociedade de brancos tinha reunião à tarde, mas os negros não podiam entrar" (Jornal Ibiá. 08 e 09 de outubro de 2016, p.7); contudo, os jovens buscavam diversão, reunindo-se na casa de cada um, onde "as meninas levam a comida e os meninos a bebida", ou então reuniam-se em lugares da cidade. Quando conta sobre a proibição em sociedades de brancos, Anna aponta para uma realidade brasileira vivida pelos negros, que é o preconceito racial. O jornal menciona outra lembrança de Anna, sobre a segmentação que vivenciavam fora do clube como quando ela relembra que "[...] mesmo muitos anos após o Floresta existir, os negros não eram aceitos nos bailes e nas celebrações em outros estabelecimentos, então a sociedade era o ponto de encontro de todas as gerações das famílias negras. (Jornal Ibiá, 08 e 09 de outubro de 2016 p.7).

O jornal também traz mais registros das memórias de Anna ligadas em relação a sua participação no clube. É o caso da reportagem que traz à tona um dos projetos do clube, que era a realização de bailes de debutantes para as meninas, que faziam parte do clube e que completavam quinze anos e não podiam arcar com os custos da festa. Anna relembra que não podia participar da festa, pois o padrasto não a deixava dançar. Relembra de outro momento durante a juventude, onde ela foi convidada a concorrer a rainha, vendendo inúmeros votos e estava à frente das outras candidatas. Porém, mais uma vez, o padrasto não a deixou participar do concurso. Anna recorda que deu seus votos para uma amiga, que acabou vencendo o concurso.

O jornal, ao dar espaço para as memórias de Anna, possibilita conhecer um pouco da realidade vivenciada por ela, que de certa forma representa parte das memórias das mulheres da comunidade negra local. Curiosamente, por fim, na mesma edição, o jornal relata que Anna tem a pele clara, por isso ela faz questão de ressaltar a ascendência africana. De acordo com Anna "Minha tataravó veio para o Brasil com um casal de brancos. Mas o patrão dela engravidou ela e minha bisavó nasceu branquinha "[...] mas eu tenho sangue negro, sou negra." (Jornal

Ibiá, 08 e 09 de outubro de 2016). Embora a cor da pele de Anna seja mais clara, como mencionado pelo jornal, notamos que para ela, a sua identidade étnica é negra.

Através das rememorações de Anna, podemos perceber as adversidades cotidianas enfrentadas pelos sujeitos negros na comunidade, bem como as estratégias deles ao se organizarem em prol de um espaço destinado ao convício social, unidos por meio de suas semelhanças, sejam elas pela cor da pele ou pelo desejo de terem um espaço para a socialização, diversão, e para se sentirem pertencentes a um lugar na sociedade. Neste sentido levamos em consideração a perspectiva apresentada por Pollak (1989), que define a memória como uma operação coletiva de fatos ocorridos e interpretados que se quer "salvaguardar", com o objetivo de definir e reforçar sentimentos de pertencimento. Esse é, precisamente, o caso de Anna e dos outros diversos depoentes, que tiveram suas memórias registradas pela imprensa montenegrina.

Fica evidente o sentimento de pertencimento de Anna com o clube, no momento em que o jornal traz o seu registro, afirmando que ela nasceu e vai morrer dentro da sociedade, demonstrando o quão significativa é a relação dela com o clube, e também com sua identidade em relação ao clube e ao "ser negro", já que quando questionada sobre ter pele mais clara, temos como resposta "eu tenho sangue negro", numa clara demonstração de que Anna pertence a uma comunidade étnica que tem como base uma história, uma origem e uma cultura comum (Seyferth, 1986).

A esse respeito, convém lembrar aquilo que Oliveira (1976, p.5) afirma, quando faz referencia a questão da identidade social, que segundo ele "surge como a atualização do processo de identificação e envolve a noção de grupo, particularmente a de grupo social." Anna se identifica com o grupo social negro, pois a mesma faz parte do clube durante setenta anos. Essa identidade está presente também na fala de Maria Valderez - outra entrevistada - uma vez que o periódico relata que para ela o clube é como sua segunda casa. Ao trazer estas memórias, o jornal contribui com a atualização do processo de identificação social.

Para finalizar a reportagem, o jornal aborda algumas dificuldades que o clube passou, como a mudança de local, para rua Flores da Cunha. Para construir a nova sede, foram realizados inúmeros eventos. De acordo com Maria Valderez, "juntamos um pouquinho daqui um pouquinho dali e construímos". Com o depoimento da presidente do clube, nos deparamos com uma interação entre os sócios, na realização de promoções para conseguir o dinheiro para construírem

seu espaço, ou seja, novamente os negros se uniram em prol da realização de um espaço para os seus. De acordo com o jornal a reconstrução do clube levou cerca de nove anos para ficar pronta.

Nas comemorações de 91 anos do clube, o vice-presidente, na época Luís Carlos de Oliveira, relata que o clube tinha cerca de sessenta associados, que realizavam reuniões mensais, almoços e pelo menos duas festas por ano, o que nos remete a participação efetiva dos sócios nas atividades do clube. Maria Valderez, na edição de centenário, menciona a '[...] falta de engajamento dos jovens como uma das dificuldades enfrentadas pelo clube, pois muitos se acostumaram a frequentar outros espaços". (Jornal Ibiá, 08 e 09 de outubro de 2016 p.7).

b) Símbolo de Resistência

Nas comemorações dos 90 anos do clube, em 2006, Ricardo Agádio Kraemer, professor e vereador no município de Montenegro, escreve na coluna Tribuna Política sobre as comemorações do mês de outubro. Dentro do calendário das comemorações, Kraemer destaca o aniversário do clube: "A Sociedade Floresta Montenegrina festejou 90 anos de afirmação de identidade, de resistência e presença da cultura afro na construção de Montenegro. Bela História!" (Jornal Ibiá, 11 de outubro de 2006, p.14).

Para Kraemer, a cultura afro-brasileira está representada no município de Montenegro pelo Clube Floresta Montenegrina, e com isso o clube ganha destaque na comunidade, pelas comemorações de seu aniversário, pois são noventa anos de afirmação de identidade negra e de resistência contra os preconceitos raciais existentes. Além disso, destaca a presença negra no processo de formação do município. Tais afirmações, realizadas pelo vereador, estão de certo modo, dando visibilidade positiva ao clube, gerando uma valorização da cultura local (Weber, 2008).

Outro momento em que o clube é representado como um espaço de resistência é no contexto das comemorações de 91 anos do clube. Na edição do dia 09 de outubro de 2007, quando o jornal menciona as motivações que levaram a fundação do clube, aparece que:

A Sociedade Floresta Montenegrina surgiu em 28 de setembro de 1916, fundado por negros inspirados na Sociedade Floresta Aurora de Porto Alegre. Os clubes sociais negros no Rio Grande do Sul surgiram, especialmente, no período pós-abolição como uma resposta de segregação social sofrida pelos afrodes-

cendentes na região Sul. Ou seja, eles não podiam frequentar os espaços sociais constituídos pelos brancos como forma de integração. A partir de então, os clubes sociais negros no Estado foram se proliferando como um espaço demarcador de fronteiras étnicas (Jornal Ibiá, 09 de outubro de 2007, p.9).

Nesta edição se percebe quais eram as dificuldades enfrentadas pelos negros na comunidade e quais os motivos que levaram à formação de um clube social próprio. Quase 10 anos depois, a edição publicada em 2016 trata da história do clube e que inicia com o título "O símbolo da resistência" e tem como primeira frase do texto "A Sociedade Floresta é um símbolo de resistência negra." O jornal ainda menciona que o clube tinha como objetivo reunir os negros de Montenegro e região.

Cabe destacar o fato de que, em meio à segregação racial existente na região e dos preconceitos raciais do início do século XX, um grupo de negros tenha conseguido, em meio a inúmeras dificuldades, construir um local para os seus, localizado na região central do município de Montenegro. Podemos considerar, com isso, que o Clube Floresta Montenegrina é um mecanismo dos negros resistirem aos preconceitos da época, podendo ser considerado, ainda no tempo presente, um espaço de resistência da identidade afro-brasileira e que permanece atuante na região, resistindo ao tempo e às dificuldades.

c) Visibilidade Cultural

Por meio da imprensa podemos acompanhar as atividades culturais vivenciadas por diversos grupos, como por exemplo o dos grupos étnicos, cuja identidade se revela em suas produções e manifestações culturais. No contexto da pesquisa, se percebe como a imprensa serviu de meio de difusão das festividades de aniversário do Clube Floresta e através dela se torna possível reconstruir parte do seu processo histórico, que por sua vez, permite compreender a historicidade do processo cultural (Weber,2008), registrando e preservando para as novas gerações a memória do clube e de sua gente, que é compartilhada por todos os indivíduos pertencentes ao grupo.

As reportagens sobre as comemorações do clube apareciam, na maioria das vezes, em pequenas "notinhas" no jornal, sempre destacando os aniversários e trazendo informações sobre as festividades do clube, detalhadas com os horários de início, a programação e as atrações, entre outras atividades.

Quando o clube completou 91 anos, na edição do jornal de 09 de outubro de 2007, o jornal informa seus leitores acerca das iniciativas promovidas pelo clube, que neste ano iniciou a implementação de um projeto chamado "Infância na Floresta. O objetivo do projeto era oferecer oficinas de teatro, capoeira, artesanato e percussão, além de acompanhamento psicopedagógico para crianças carentes, contando com diversos patrocinadores, como o Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul), o supermercado Imec, a Unimed, o Sesc e o Senac.

A imagem do clube está associada aos projetos que envolvem as crianças, uma vez que nos anos de 2007, 2008, 2012 e 2016, quando mencionadas as comemorações do clube, atividades com crianças aparecem como parte das atividades realizadas pelo clube. Com relação às festividades para as crianças, o clube promoveu a distribuição de brinquedos e de guloseimas, como pipoca, cachorro quente, doces, refrigerante, chegando a atender - como no caso da atividade de 2008 - cerca de 200 crianças.

Também em 2007 a imprensa enfatiza a realização da 1º Semana Municipal da Consciência Negra que, foi uma parceria entre o Clube Floresta Montenegrina, a prefeitura Municipal e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, que organizaram as diversas atrações. As parcerias do clube, com órgãos governamentais, demonstram a atuação do clube, de promover atividades voltadas ao público do município, bem como da região. De acordo com Weber (2008), a imprensa veicula modos formalizados de representação identitária que expressam aquilo que o leitor reconhece, através das práticas de um grupo, e a veiculação contribui para a legitimação de tais práticas. Esse é o caso da imprensa montenegrina.

Os projetos - de caráter essencialmente social - que o clube desenvolve, são meios que acabam contribuindo para a visibilidade social e cultura da entidade. Essas ações, por sua vez, fazem parte do calendário de atividades e de festejos propostos nos aniversários do clube social, registrados como manifestações da cultura e da identidade afrodescendente do Clube Floresta Montenegrina, que celebra a existência de um espaço criado por e para negros e que, ao longo de mais de um século, continua sua trajetória no espaço e no tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou as representações difundidas sobre o Clube Floresta Montenegrina pelo Jornal Ibiá, entre 2006 e 2016, período que compreende a década que antecede as comemorações do centenário de criação do clube social. Através da investigação foi possível perceber que, em 1916, em meio a inúmeras adversidades, um grupo de pessoas negras organizou-se para construir um espaço para a sociabilidade do próprio grupo étnico, tendo como finalidade a diversão e a oferta de uma série de atividades culturais e sociais, já que eram proibidos de acessar os "espaços dos brancos."

Foram consultadas edições do Jornal Ibiá, principal veículo de imprensa da comunidade montenegrina e que foi utilizado como fonte da história do clube e sua trajetória no município. O jornal se mostrou uma fonte fundamental para a reconstrução histórica da trajetória do clube e das memórias registradas a respeito das comemorações de seus aniversários de criação. Para analisar essas festividades comemorativas da entidade foram utilizadas 13 publicações do Jornal Ibiá, entre 2006 e 2016.

Ao analisarmos as festividades realizadas nas comemorações de aniversário, identificamos alguns ritos, que permitem compreender o contexto e o significado das manifestações culturais dentro do clube, como os cultos ecumênicos, os jantares, almoços, e a realização de atividades musicais dançantes ligadas à cultura afro, como o samba, o pagode e o hip hop e ainda, as atividades de caráter social voltadas especialmente às crianças em situação de vulnerabilidade social.

Através das diferentes edições do jornal foi possível aprofundar a análise sobre o clube, como um espaço importante da cultura negra local, bem como sua ampla participação em diversos projetos sociais, o que reforça a ideia de que o clube social teve. Ao longo de sua existência, uma preocupação com a realidade do grupo étnico diretamente envolvido em sua organização. Enquanto um clube social essencialmente marcado pela presença de afrodescendentes, o Clube Floresta Montenegrina cumpriu seu papel como catalisador da identidade negra e como espaço de preservação da memória dos afro-brasileiros no município e na região do Vale do Rio Caí.

RECEBIDO em 25/06/2025
APROVADO em 25/09/2025

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Amailton Magno. Samba: um ritmo negro de resistência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros,** Brasil, n. 70, p. 44-58, ago. 2018.

AZEVEDO, Amailton Magno. **A memória musical de Geraldo Filme:** os sambas e as microáfricas em São Paulo. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

BURKE, Peter. **A Escola dos annales (1929-1989):** a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997

CALHEIROS, Felipe Peres e STADTLER, Hulda Helena Coraciara. Identidade étnica e poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras. **Rev. Katál.** Florianópolis v. 13 n. 1 p. 133-139 jan./jun. 2010.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia:** a história entre certezas e inquietude. 1. ed. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2002

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23, pp.100-122. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007. Aceso em 15 abr. 2025.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos do PPG em História.** UFRGS, n. 13, dez. 1995.

ERNZEN, Ana Gabriela K. **Os negros não tinham aonde ir. Sociabilidade e resistência – o clube negro Sociedade Floresta Montenegrina (1916).** Monografia de conclusão de curso (trabalho de conclusão em história. São Leopoldo. Universidade do vale do rio do Sinos, 2007

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros:** lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, UFSM, Santa Maria, 2010.

FARIA CRUZ, H. DE. No avesso das comemorações: memória, historiografia e o bicentenário da imprensa. **Revista História & Perspectivas**, v. 1, n. 39, 17 ago. 2009.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário" IN **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, Fabricio Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito:** identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988). Dissertação (Mestrado em História) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós- Graduação, UNISINOS, São Leopoldo, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** 2. ed. São Paulo, SP: Centauro, 2006

HISTÓRIA e Fotos. Síntese dos Municípios: **Intituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2017. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=montenegro&searchphrase=all&It emid=6830. Acesso em: 1 jun. 2025.

JORNAL IBIÁ (Montenegro). **Nossa História**. Montenegro: Jornal Ibiá, 2019. Disponível em: https://jornalibia.com.br/sobre-o-jornal-ibia/#1484745644429f7a75231-06cc. Acesso em: 31 maio 2025.

KAUTZMANN, Maria Eunice Muller**. Montenegro de Hoje e de Ontem**. São Leopoldo: Rotermund,1982

KUHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul.** 3. ed. atual. Porto Alegre, RS: Leitura XXI, 2002

LONER, Beatriz Ana. "1887: a revolta que oficialmente não houve, ou de como abolicionistas se tornaram zeladores da ordem escravocrata". **História em Revista,** Pelotas, v. 3, p. 29-52, nov. 1997.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos epor meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B.(org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto,2005. P,111 – 153 MAGALHÃES, Magna Lima. Associativismo Negro no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Trajetos Editorial, 2017.

MAUAD, Ana Maria; FERREIRA NETO, Edgard Leite; LOBO, Eulália L.; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. [5. ed.]. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1999

MULLER, Liane. "As contas do meu rosário são balas de artilharia". In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antonio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (orgs.). **RS negro:** cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 262-271.

NETO, José Candido de Campos. **Montenegro.** 1924.

NEPOMUCENO, Babel. Protagonismo Ignorado. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY,Carla B. (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**.São Paulo: Contexto, 2012.p.382-409.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História. PUC-SP. São Paulo, n. 10, p.7-28, Dez. 1993. Disponível em: http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf. Acesso em JULHO DE 2019.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **"O Mundo Negro": a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995).** 2010. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, Rio de Janeiro, 2010.

POLLAK,Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2.n.3.1989, p.3-15

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul.** 9. ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 2014

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral.** Projeto História, São Paulo, n. 15, p.13-49, abr. 1997 PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSA, Antonio Carlos Fernandes. História de Montenegro.in: **MONTENEGRO de ontem e de hoje.** São Leopoldo, RS: Rotermund, 1979. 340 p.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943). Dissertação (Mestrado em História). PUCRS, Porto Alegre (RS), 2011. Disponível em: http://www.montenegro.rs.gov.br/?titulo=Munic%EDpio&template=conteudo&cat_egoria=503&codigoCategoria=503&idConteudo=1977&tipoConteudo=INCLUDE_MO

STRA_CONTEUDO. Acesso em 10 jul. 2025.

SILVA, Fernanda Oliveira da. Associativismo negro em terras sulinas: das irmandades aos clubes para negros em Pelotas (1820-1943). **Revista Thema**, [S.l.], v. 8, n. 2, dez. 2011. ISSN 2177-2894. Disponível em: <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/99>. Acesso em: 06 mar. 2018. doi:http://dx.doi.org/10.15536/thema.8.2011.%p.99. Aceso em 10 jul. 2025.

SILVA, F.O. Associativismo negro e a constituição de identidades étnicas e sociais em Pelotas**. Anais do X Encontro Estadual de História**, ANPUH, UFSM, Santa

Maria, p.1-17, 2010.

TAVARES, Breitner. Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal. **Soc. Estado,** Brasília, v. 25, n. 2, p. 309-327, ago. 2010. Disponívem em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922010000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 mai. 2025.

TROTTA, Felipe da Costa; OLIVEIRA, Luciana Xavier de. O subúrbio feliz do pagode carioca. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comum,** São Paulo, v. 38, n. 2, p. 99-118, Dez.2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-

58442015000200099&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 mai. 2025.

WEBER. Regina. Grupos étnicos, estratégias étnicas. In: SIDEKUM, Antônio; TZMAGRUNN, Imgart; ARENDT, Isabel Cristina (Orgs.). **Campos Múltiplos: identidade, cultura e história**. São Leopoldo: Nova Harmonia /Oikos, 2008.